

Mário Jorge Lima

Outro dia deparei-me na Web com uma série de pequenos vídeos e fotos de um dos filmes mais singelos e maravilhosos da história do cinema: *The Sound of Music* (A Noviça Rebelde). Aliás, o título em português nunca transmitiu o que o filme era de fato. Muito mais que a rebeldia juvenil de uma freirinha, o filme mostra o poder do amor, da música, da dedicação para transformar crianças e adultos, vencendo obstáculos intransponíveis, inclusive uma guerra, com a força do coração.

As músicas do filme eram um capítulo à parte. De autoria da genial dupla Richard Rodgers e Oscar Hammerstein, elas nos levam ao sonho em questão de segundos, belíssimas e insuperáveis que são.

Nessas fotos a que me referi apareciam todos os principais personagens do filme como são hoje, já idosos, amadurecidos pelo tempo, pela experiência, pelo trabalho. Aquelas crianças peraltas da família Von Trapp são hoje respeitáveis senhores e senhoras. A adorável freirinha Maria Kutschera (Julie Andrews) é uma idosa e maravilhosa atriz, das maiores que o cinema já teve. Confesso que senti um pouco de nostalgia, uma sensação difícil de descrever. Não me envergonho de dizer que meus olhos se encheram de lágrimas.

Em momentos assim, pensamos: bons tempos, tempos que não voltam mais. E nos deixamos invadir por um saudosismo muito forte, uma certa aversão por tudo que é atual e moderno. Curtir essa saudade, essa vontade de que tudo voltasse a ser como um dia foi, tem um certo sabor.

No entanto, a vida é sábia, quem a governa, seja um ser sobrenatural e onipotente, seja o acaso ou um processo naturalista de evolução, não nos deixou a opção de voltar no tempo, de retornar ao passado, para simplesmente vive-lo novamente ou para tentar modifica-lo. Como se costuma dizer: pra frente é que se anda.

Tudo que hoje é passado nostálgico com sabor de coisas boas que se foram, um dia foi presente, ao qual talvez não tenhamos dado o valor que merecia. E o presente que às vezes hoje desconsideramos um dia será passado apreciado e saudosamente lembrado.

O passado é bom para dele tirarmos lições, para não repetirmos os mesmos erros, para sermos gratos por tudo que tivemos e temos. Mas vejam: o ontem não pode ser mudado. O amanhã nós rigorosamente desconhecemos. Então, o que temos é o hoje. Vamos vive-lo intensamente, sabiamente. Ele é uma dádiva. Talvez por isso se chame presente.

